

Falta-nos respiro missionário!

De acordo com o “Censo missionário” que fizemos e publicámos na edição anterior da *Missão OMP*, Portugal envia cada vez menos missionários e acolhe cada vez mais. Os dados não deixam dúvidas. No final de 2025, trabalhavam no nosso país **248 sacerdotes diocesanos estrangeiros** (96 africanos, 71 europeus, 63 americanos e 18 asiáticos) e **197 religiosos** (91 homens e 106 mulheres, sendo 93 africanos, 65 asiáticos, 25 europeus e 14 americanos). **Ao todo, eram 445** e, pelas notícias, o número peca por defeito, porque continua a crescer em sacerdotes diocesanos, religiosos e seminaristas.

Ao mesmo tempo, **os missionários portugueses no mundo eram apenas 243** (103 homens e 140 mulheres, estando 107 na África, 68 na Europa, 44 na América e 24 na Ásia) e **43 sacerdotes diocesanos** (27 na Europa, seis na África e quatro na América). Dos leigos não obtivemos dados claros.

Todo o mundo é terreno de missão, mas a desproporção é evidente: **só 178 (170 religiosos e oito Padres diocesanos) portugueses servem no chamado Sul Global, ou seja, nos países em desenvolvimento**, localizados maioritariamente no Hemisfério Sul, contra 445 a trabalharem em Portugal. Parece que as “caravelas” que contribuíram para a evangelização estão a regressar em força, mas já pouco partem! Os portugueses nunca terão perdido o espírito ‘aventureiro’ – a avaliar pela quantidade de turistas apanhados no Médio Oriente, apesar das notícias de um conflito iminente com o Irão – mas o mesmo não se poderá dizer do espírito missionário que assenta na fé.

Os números do inquérito retratam **uma Igreja cada vez mais dependente da ajuda externa para levar para a frente a sua pastoral ordinária**. Parece haver uma certa resignação e ter-se instalado a



O P.º Germano Serra, Missionário Comboniano, que trabalhava com o povo Karimjong, no Uganda, faleceu com apenas 70 anos, na sua missão, no dia 14 de Março.

“**A missão é circular: receber e dar; acolher e partilhar. E é esta última que começa a faltar de modo dramático.**”

ideia – em várias dioceses e institutos – de que assim podemos manter as coisas a funcionar. Há certamente experiências interessantes de renovação paroquial, **mas parece prevalecer ainda uma pastoral de manutenção**. Absorvidos pelas necessidades locais estamos progressivamente a esquecer a dimensão universal ou só nos recordamos dela para suprir as nossas necessidades de clero.

A vocação missionária *ad gentes* atrai cada vez menos jovens; e os membros dos institutos missionários estão cada vez mais envelhecidos e sentem a pressão eclesial para se “paroquializarem”. Por isso, **sair, enviar missionários é sinal de uma Igreja apostólica, que quer ser testemunha da sua tradição e das suas riquezas espirituais**. Os missionários não partem em nome pessoal, mas da

Igreja, em particular da sua comunidade cristã e talvez da sua aldeia. Não vão fazer o seu trabalho, mas o da Igreja, não vão dizer as suas palavras, mas as da comunidade cristã que os envia.

A missão é circular: receber e dar; acolher e partilhar. E é esta última que começa a faltar de modo dramático. Recorrendo à metáfora do movimento do coração de “sístole e diástole”, aplicada ao catequista pelo Papa Francisco, podemos dizer que falta o movimento de saída. Uma comunidade cristã madura está aberta ao mundo e à missão universal, por exemplo quando reza pelas vocações missionárias, acolhe os missionários e os ajuda com generosidade. A sua vida interior – oração, escuta da Palavra, caridade fraterna –, adquire o seu pleno significado quando se torna testemunho, quando se torna anúncio da Boa Nova e saída para as periferias do mundo – sem esquecer as geográficas. Portugal, que tem uma longa e gloriosa história de missionação, faria bem em preservar este seu legado! ✦

A missão ao som de sirenes e mísseis

Os mísseis iranianos nos céus do deserto da Judeia não assustam as missionárias que querem partilhar da vida das beduínas palestinianas em tempos de conflito e a ajudá-las a angariar meios de sobrevivência.



Desde esta manhã, após a Mis-sa, ouvimos as sirenes. Mesmo assim fomos para o deserto. Há alguns dias que as comunidades beduínas sofreram incursões de colonos. Não podíamos ficar longe. Queríamos estar presentes. Levar tecidos, fechos, linhas: pequenos sinais, mas uma ajuda para que elas possam aprender a costurar e a fazer bolsas, para não desistirem da vida.

O que fazemos não tem apenas como objectivo «promover a mulher», mas ajudá-las a granjear o pão de cada dia e obter o sustento de uma economia familiar ferida, onde muitas vezes são as mulheres as únicas que podem contribuir para o lar.

Aprender, em tempos de conflito, é muito mais do que adquirir uma técnica: é manter a mente viva, acender a criatividade quando tudo parece apagar-se. É assegurar a sobrevivência e tecer a resi-

“
O que fazemos não tem apenas como objectivo «promover a mulher», mas ajudá-las a granjear o pão de cada dia e obter o sustento de uma economia familiar ferida, onde muitas vezes são as mulheres as únicas que podem contribuir para o lar.
”

liência ponto-a-ponto.

Esperavam-nos quase trinta mulheres, rodeadas por tantas crianças.

Sob um espaço comunitário feito com cobertores grossos e gastos, que protegem um pouco do calor e do frio, partilhámos palavras e silêncios. Contaram-nos o que tinha acontecido nos dias anteriores, quando os primeiros estrondos de mísseis romperam o silêncio do deserto.

De repente, novos silvos. Mais mísseis.

As crianças correm para ver. Para elas, não há diferença: dentro ou fora, não faz diferença. Não há abrigos. Não há refúgios. Estão completamente vulneráveis, à mercê das circunstâncias.

Ficámos com elas, partilhando a mesma exposição à guerra, a mesma incerteza suspensa no ar.

A caminho de outra aldeia, mais explosões, desta vez mais próximas. As sirenes dos colonatos continuavam a gritar. As beduínas mantinham-se quase impassíveis, como quem aprendeu a conviver com o perigo.

«Vais esconder-te debaixo da cama?», brincámos com Aisha, que adora dormir.

Rimos, sabendo que a sua “cama” é um colchão fino e que a sua casa de zinco não oferece qualquer protecção.

No regresso, a estrada para Jerusalém e para os colonatos estava quase vazia.

No bairro de Al-Azareya, por outro lado, a vida seguia o curso normal.

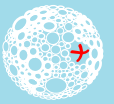
Ficar em casa não protege mais. Nas aldeias e cidades palestinianas não há abrigos. A vida continua. Trabalha-se. Vive-se.

É Ramadão. Quem jejuou desde o amanhecer irá procurar o necessário para o *iftar*, a refeição da noite. A vida resiste, persiste, mesmo sob as sirenes.

E nós, em casa, em oração. À espera. Com a consciência de que isto pode ser apenas o início de algo que tornará ainda mais frágil a vida daqueles que já sobrevivem na precariedade.

É Ramadão. E é também Quaresma. Um tempo especial de encontro com Deus e com os outros, um tempo de crescimento interior. ✨

Ir. Cecília Sierra
Missionária comboniana



Educar no meio da guerra

Apesar da guerra que continua a assolar e a devastar o Sudão, os Missionários Combonianos permanecem neste país da África Oriental, a procurar servir as populações o melhor que podem, de modo particular através da educação.

Ahلام tinha 18 anos quando deixou a sua casa nos Montes Nuba, no sudoeste do Sudão, para estudar enfermagem no Colégio Comboni de Ciência e Tecnologia (CCST, na sigla em inglês), a universidade fundada pelos combonianos em Cartum, a capital do país. Estávamos em Junho de 2022 e ela encarava a aventura com entusiasmo e o desejo de servir a sua comunidade como enfermeira.

A 15 de Abril de 2023, a guerra rebentou entre as Forças Armadas Sudanesas (SAF) e as Forças de Apoio Rápido (RSF), uma poderosa milícia com mais de cem mil soldados que tentou tomar o poder. Cartum tornou-se num campo de batalha feroz e Ahلام, os colegas, os funcionários do CCST e quase todos os missionários fugiram para salvar a vida.

A guerra entre as SAF e as RFS, que, entretanto, alastrou a outras regiões do Sudão, fez mais de 11 milhões de deslocados internos, 4 milhões de refugiados e 21 milhões de pessoas malnutridas. Deixou 10 milhões de crianças fora da escola e 87 por cento dos estudantes universitários foram forçados a abandonar os estudos.

Ahلام refugiou-se em Kadugli, a sua cidade natal, no estado do Cordofão.

Em Janeiro de 2024, o CCST retomou as suas actividades no espaço digital, a partir de Porto Sudão, uma cidade junto ao Mar Vermelho. Os combonianos já dirigiam a paróquia, uma escola secundária que, com a chegada dos deslocados, tem 900 alunos, e quatro escolas primárias nos arredores, onde se fixam os que fogem da violência da guerra. Essas escolas têm 2500 alunos.

O CCST sofreu uma transformação digital acelerada para oferecer aos estudantes e professores, que a guerra dispersou pelo país e no estrangeiro, a oportunidade de prosseguirem os estudos académicos.

Esta alternativa é uma luz no fundo do túnel e um vislumbre de esperança no meio da barbárie da guerra que conta com quase três anos.

O curso de enfermagem, porém, exige aulas práticas, primeiro no laboratório de enfermagem e, depois, em instalações de saúde. O CCST assinou um acordo com o Ministério da Saúde do Estado do Mar Vermelho e os estudantes de enfermagem, no fim de cada semestre, viajam para Porto Sudão para os respectivos estágios.

Em Agosto de 2025, Ahلام deveria sair de Kadugli para Porto Sudão. Porém, a cidade tinha sido cercada pelo Exército de Libertação



A guerra fez mais de 11 milhões de deslocados internos, quatro milhões de refugiados e 21 milhões de pessoas mal nutridas.



Ahلام correu riscos para poder estudar.

do Povo do Sudão-Norte (SPLA-N), uma melícia aliada das RSF.

Ahلام estava decidida a fazer tudo para continuar os estudos. Partiu com pouca bagagem e um telemóvel, usado para fazer chamadas e pagamentos. Caminhava e por vezes apanhava o autocarro para evitar os postos de controlo do SPLA-N. Depois de lhes escapar, tendo dormido em pátios de escolas que são os abrigos para os deslocados, chegou à zona controlada pelas RSF, conhecidas pela sua crueldade. Foi presa e trançada num quarto. Pensou que a iriam violar. Mas defendeu-se, oferecendo algumas informações em troca da autorização para seguir viagem.

Finalmente, chegou a El Obeid, 300 quilómetros a norte de Kadugli, a primeira cidade sob o controlo das SAF. Pôde enfim dizer abertamente que ia para Porto Sudão, a mais de 1000 quilómetros de distância para norte, para continuar os estudos.

Ahلام chegou em Novembro. Perdeu o período de estágio clínico, mas continuou a estudar e a capacitar-se para servir uma comunidade que sofre com a violência da guerra.

Em Dezembro, os combonianos regressaram a Cartum. Os desafios que encontraram são imensos devido à destruição da guerra nas paróquias e escolas. O CCST necessita de investimentos avultados para voltar a acolher e formar os milhares de jovens que o frequentavam.

Estamos gratos pela ajuda e apoio que a Diocese de Santarém, através da renúncia quaresmal, se propõe doar à missão da Igreja neste país devastado pela guerra, onde servimos através da educação, da saúde e do cuidado espiritual e pastoral. ✨

Padre Jorge Naranjo Alcaide
Missionário Comboniano
Director da Universidade Comboni de Ciência e Tecnologia

Quando o amor se faz missão e a fé ganha rosto

Escolhemos viver a nossa lua-de-mel de forma diferente. Partimos para Inhambane, em Moçambique, com o desejo de iniciar a nossa vida a dois, colocando Deus e o próximo no centro. Não levámos respostas nem soluções, mas regressámos com histórias gravadas no coração e a certeza de que o amor verdadeiro se constrói na entrega.



A Mafalda e o Rodrigo Moreira Alves com alunos e docentes da escolinha.

Logo nos primeiros dias, as crianças tornaram-se o rosto mais forte desta missão. Vimos meninas ainda muito pequenas a carregarem os seus irmãos bebés às costas, com uma naturalidade comovente, assumindo responsabilidades que não deveriam pesar sobre ombros tão frágeis. Mesmo assim, corriam para nos cumprimentar, riam, brincavam e partilhavam tudo o que tinham: quase nada, mas oferecido com alegria total.

As casas onde muitas famílias vivem são palhotas frágeis, feitas de folhas de palmeira, sem divisões, sem camas e sem colchões.

Visitámos famílias que nos recebiam com dignidade, convidando-nos a entrar como quem oferece um palácio, ensinando-nos que a pobreza material não anula a grandeza humana.

Quando o sol se põe, Inhambane mergulha na escuridão. Não há iluminação pública nem electricidade em muitas zonas. Vimos pessoas a caminhar à noite, sem lanternas, sem luz, guiadas apenas pela memória dos caminhos e pela confiança nos seus próprios passos. Essa escuridão exterior contrastava com a luz interior de um povo que sabe onde pisa, mesmo

quando tudo parece faltar.

Um dos momentos mais marcantes aconteceu durante a Missa, quando entregámos Terços à comunidade. O gesto simples transformou-se num momento avassalador. Todos queriam um Terço. Aproximaram-se tantos fiéis, com mãos estendidas e olhos cheios de fé, que por momentos ficámos quase sufocados no meio da multidão. Não era apenas um objecto que pediam, era um sinal de pertença, de oração e de ligação a Deus. Ali percebemos a força de uma fé viva, que se agarra ao essencial.

A realidade dos cuidados de



saúde revelou outra face dura da desigualdade. Nos postos de saúde, não há médicos. Tudo é assegurado por enfermeiras e técnicos, que fazem o impossível com recursos mínimos. A medicação é contada comprimido a comprimido, dose a dose, para que chegue a todos. Cada pessoa recebe apenas o estritamente necessário. Faltam medicamentos, faltam materiais, faltam profissionais, mas nunca falta dedicação. Aquelas mulheres e homens são verdadeiros instrumentos de cuidado e esperança.

A diferença entre ricos e pobres é gritante. A poucos quilómetros de comunidades sem água potável e sem condições básicas, existem casas muradas, carros novos e sinais evidentes de abundância. Este contraste permanente interpela e questiona profundamente, lembrando-nos de que a injustiça não é apenas falta de recursos, mas também desigualdade na sua distribuição.

Na educação, a escassez é igualmente evidente. As escolas têm apenas cadeiras para as crianças se sentarem; não há mesas, não há livros, não há materiais. Os alunos repetem tudo o que a professora lhes diz, para assimilarem os conhecimentos e escrevem apenas quando vão ao quadro, com um pequeno giz, mas com uma vontade de aprender que nos envergonha. Foi neste contexto que,

graças à angariação de fundos feita antes da viagem, conseguimos reconstruir um infantário que se encontrava em condições muito degradadas. Cada parede erguida, cada melhoria feita, foi fruto da generosidade de muitos e tornou-se um sinal concreto de esperança para aquelas crianças.

Vivemos também a experiência da entrega de bens alimentares a famílias que vivem o dia a dia sem qualquer segurança alimentar. Um saco de arroz ou de farinha representava muito mais do que uma refeição: era um descanso, ainda que breve, da angústia de não saber o que comer no dia seguinte.

Regressamos com o coração transformado. Fomos em lua-de-mel, mas voltámos em missão permanente. **Inhambane ensinou-nos que amar é servir, que a fé se vive no concreto e que Deus está presente nos lugares onde aparentemente tudo falta.** Começámos a nossa vida matrimonial com esta certeza: aquilo que se dá com amor nunca se perde, multiplica-se.

Mafalda Moreira Alves e Rodrigo Moreira Alves

Nota: A Mafalda (enfermeira) e o Rodrigo (contabilista) casaram em Setembro 2025. Em Novembro 2025 fizeram a sua “lua-de-mel-missionária” em Inhambane.

Missão Press tem novo presidente



O Padre Zeferino Policarpo Ferreira foi eleito presidente da Missão Press na Assembleia Geral electiva realizada no dia 13 de Fevereiro, na casa dos Missionários do Verbo Divino, em Lisboa.

Natural da Madeira e membro dos Sacerdotes do Coração de Jesus, Dehonianos, o Padre Zeferino Policarpo sucede na presidência da Missão Press ao Padre António Leite, missionário do Verbo Divino.

Na Assembleia Geral foram reeleitos para novo mandato o Padre Aristides Neiva, missionário do Espírito Santo, como secretário, o João Fernandes, das Obras Missionárias Pontifícias, como tesoureiro, e, como vogal, o Padre Álvaro Pacheco, missionário da Consolata.

A Missão Press nasceu em 1996. Agrega revistas, jornais e sites missionários editados em Portugal com o objectivo de potenciar a colaboração e o intercâmbio entre todos os órgãos de comunicação social que têm como propósito suscitar o interesse pela Igreja missionária e pelos povos aos quais ela é enviada.

As Obras Missionárias Pontifícias são um dos sócios fundadores da associação, através da revista *Missão OMP*. A Missão Press está aberta à participação de outros órgãos de comunicação social que prossigam os mesmos objectivos missionários e tenham o mesmo espírito de promoção da paz, da justiça, da solidariedade e do respeito pelos direitos humanos.

As tomadas de posição deste sector da imprensa e os projectos que desenvolve podem ser consultadas em missaopress.pt. ✦



Momento na escolinha e distribuição dos Terços durante a Eucaristia Dominical.

A importância do testemunho

Na Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, o Papa São Paulo VI, disse que evangelizar não é uma mera transmissão doutrinal ou moral, mas o testemunho dum encontro pessoal com Jesus Cristo. Por isso, para evangelizar precisamos de nos deixar evangelizar e guiar pelo Espírito Santo no caminho exigente da conversão, do renovamento e da abertura ao mundo contemporâneo.



P. Marcelo Oliveira, Missionário Comboniano, na República Democrática do Congo.

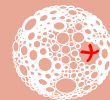
Hoje coloquemo-nos à escuta da “magna carta” da evangelização no mundo contemporâneo: a Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, de São Paulo VI (EN, 8 de Dezembro de 1975). É actual. Foi escrita em 1975, mas é como se tivesse sido escrita ontem. **A evangelização é mais do que uma simples transmissão doutrinal e moral. É em primeiro lugar testemunho: não se pode evangelizar sem testemunho; testemunho do encontro pessoal com Jesus Cristo, Verbo encarnado no qual a salvação se completou.** Um testemunho indispensável porque, antes de mais nada, o mundo precisa de «evangelizadores que lhe falem de um Deus que eles conheçam e lhes seja familiar» (EN, 76). Não significa transmitir uma ideologia

nem uma “doutrina” sobre Deus, não! Significa transmitir Deus, que Se torna vida em mim: nisto consiste o testemunho; e também porque «o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres [...] ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas» (*ibid.*, 41). Portanto, o testemunho de Cristo é o primeiro meio de evangelização (cf. *ibid.*) e, ao mesmo tempo, condição essencial para a sua eficácia (cf. *ibid.*, 76), a fim de que o anúncio do Evangelho seja fecundo. Ser testemunha!

É necessário recordar que o testemunho abrange também a fé professada, ou seja, a adesão convicta e manifesta a Deus Pai e Filho e Espírito Santo, que nos criou e nos redimiu por amor. Uma fé que

nos transforma, que transforma as nossas relações, os critérios e os valores que determinam as nossas escolhas. Por conseguinte, testemunhar não pode prescindir da coerência entre aquilo em que se acredita, o que se anuncia e o que se vive. Não somos credíveis apenas transmitindo uma doutrina ou uma ideologia, não! **Uma pessoa é credível se houver harmonia entre aquilo em que acredita e o que vive.** Muitos cristãos só dizem que acreditam, mas vivem de outra coisa, como se não acreditassem. E isto é hipocrisia. O oposto do testemunho é a hipocrisia. Quantas vezes ouvimos: “Ah, ele que vai à Missa todos os domingos, e depois vive assim, assim, assim”: é verdade, é o contratestemunho.

Cada um de nós é chamado a



responder a três perguntas fundamentais, assim formuladas por Paulo VI: «Acreditas verdadeiramente no que anuncias? Vives aquilo em que acreditas? Anuncias o que vives?» (cf. *ibid.*). Há harmonia: acreditas no que anuncias? Vives aquilo em que acreditas? Anuncias o que vives? Não podemos contentar-nos com respostas fáceis, predefinidas. Somos chamados a aceitar até o risco de desestabilizador da busca, confiando plenamente na acção do Espírito Santo que age em cada um de nós, impelindo-nos sempre mais além: além dos nossos confins, além das nossas barreiras, além dos nossos limites de qualquer tipo.

Neste sentido, o testemunho de uma vida cristã comporta um caminho de santidade assente no Baptismo, que nos torna «participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos» (Constituição dogmática *Lumen gentium*, 40). Uma santidade que não é reservada a poucos; que é dom de Deus e deve ser acolhido e feito frutificar para nós e para os outros. Nós, escolhidos e amados por Deus, devemos transmitir este amor aos outros. Paulo VI ensina que o zelo pela evangelização brota da santidade, nasce do coração repleto de Deus. Alimentada pela oração e sobretudo pelo amor à Eucaristia, a evangelização, por sua vez, faz crescer em santidade

quantos a levam a cabo (cf. *EN*, 76). Ao mesmo tempo, sem santidade, a palavra do evangelizador «difícilmente chegará ao coração do homem dos nossos tempos», mas «corre o risco de permanecer vã e infecunda» (*ibid.*).

Assim, devemos estar conscientes de que os destinatários da evangelização não são somente os outros, aqueles que professam outras crenças ou que não as professam, mas também nós próprios, crentes em Cristo e membros activos do Povo de Deus. E **devemos converter-nos todos os dias, aceitar a palavra de Deus e mudar de vida: todos os dias! É assim que se faz a evangelização do coração.** Para dar este testemunho, até a Igreja enquanto tal deve começar pela evangelização de si mesma. **Se a Igreja não se evangelizar, continuará a ser uma peça de museu.** Ao contrário, o que a actualiza continuamente é a evangelização de si própria. Tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo em que deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor. A Igreja, que é Povo de Deus imerso no mundo, e não raro tentado pelos ídolos – muitos

“**Acreditas verdadeiramente no que anuncias? Vives aquilo em que acreditas? Anuncias o que vives?**”



Irmã Elisabete Almendra, Missionária Comboniana, a trabalhar no Sudão do Sul.

– deve ouvir sempre o anúncio das obras de Deus. Em síntese, significa que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, deve seguir o Evangelho, rezar e sentir a força do Espírito que transforma o coração (cf. *EN*, 15).

Uma Igreja que se evangeliza para evangelizar é uma Igreja que, guiada pelo Espírito Santo, é chamada a percorrer um caminho exigente, uma senda de conversão, de renovação. Isto implica também a capacidade de mudar os modos de compreender e viver a sua presença evangelizadora na história, evitando refugiar-se nos âmbitos protegidos da lógica do “sempre se fez assim”. São refúgios que adoecem a Igreja. A Igreja deve ir em frente, deve crescer continuamente, e assim permanecerá jovem. Esta Igreja está inteiramente voltada para Deus, portanto participa no Seu desígnio de salvação para a humanidade e, ao mesmo tempo, está totalmente voltada para a humanidade. **A Igreja deve ser uma Igreja que se encontra dialogicamente com o mundo contemporâneo, que tece relações fraternas, que gera espaços de encontro, colocando em acção práticas de hospitalidade, de acolhimento, de reconhecimento e de integração do outro e da alteridade, e que cuida da casa comum que é a criação.** Ou seja, uma Igreja que se encontra dialogicamente com o mundo contemporâneo, dialoga com o mundo contemporâneo, mas que se encontra com o Senhor todos os dias, dialoga com o Senhor e deixa entrar o Espírito Santo, que é o protagonista da evangelização. **Sem o Espírito Santo, só poderíamos fazer publicidade da Igreja, não evangelizar. É o Espírito Santo em nós que nos impele à evangelização e esta é a verdadeira liberdade dos filhos de Deus.**

Caros irmãos e irmãs, renovemos o convite a ler e reler a *Evangelii nuntiandi*: digo-vos a verdade, leio-a frequentemente, porque é a obra-prima de São Paulo VI, é a herança que nos deixou para evangelizar. ✦

Papa Francisco
Catequese de 22 de Março de 2023

Os ricos tesouros da *Evangelii Nuntiandi*

A *Evangelii Nuntiandi* publicada por São Paulo VI, em 8 de Dezembro de 1975, é considerada a ‘carta magna’ da evangelização católica. À distância de pouco mais de 50 anos, pode-se afirmar com segurança que, para os evangelizadores missionários, este é provavelmente o documento eclesial mais importante da era pós-Vaticano II.



Foto: Acnur

A Irmã Rosita Milesi trabalha com imigrantes e refugiados há mais de três décadas. Aqui com refugiados Venezuelanos em Roraima.

São Paulo VI (1963-1978) presidiu sabiamente às três últimas sessões do Concílio Vaticano II (1963-1965) e à sua implementação em todo o mundo. Sem dúvida, ele será sempre lembrado como um verdadeiro «Papa missionário do Vaticano II», realizando viagens missionárias a todos os continentes.

Paulo VI é o autor da *Evangelii Nuntiandi* [EN] (sobre a evangelização no mundo contemporâneo) [8 de Dezembro de 1975], que se tornou a magna carta da evangelização católica no último quarto do segundo milénio do cristianismo – e mesmo depois. Ao celebrarmos o aniversário de ouro da EN (1975-2025), pode-se afirmar com vali-

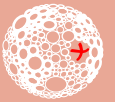
dade que, para os evangelizadores missionários, este é provavelmente o documento eclesial mais crucial da era pós-Vaticano II.

A *Evangelii Nuntiandi* é o documento mais citado na famosa exortação apostólica *Evangelii Gaudium* [EG] (A Alegria do Evangelho) do Papa Francisco, de 2013; é citado em treze ocasiões diferentes. Em 2013, o Papa Francisco disse que EN incluía palavras que «são tão atuais como se tivessem sido escritas ontem» (17 de Maio). Francisco apreciava Paulo VI porque afirmou que o testemunho de Paulo VI «alimenta em nós a chama do amor a Cristo, do amor à Igreja, do ímpeto de anunciar o Evangelho ao

homem de hoje, com misericórdia, paciência, coragem e alegria» (22 de Junho de 2013).

Sínodo dos Bispos

A criação do Sínodo Internacional dos Bispos foi anunciada por Paulo VI em 1965, durante o Concílio Vaticano II. O Sínodo de 1974 centrou-se na evangelização (Paulo VI refere-se explicitamente a este Sínodo mais de 30 vezes na EN); reuniu mais de 200 bispos de todas as partes do mundo, juntamente com alguns sacerdotes, religiosos e leigos, como consultores. Após o Sínodo, durante um período de gestação de um ano, o Papa Paulo



VI trabalhou para produzir, a partir da rica experiência e das intuições do Sínodo, um documento que é claramente o resultado de discernimento e síntese.

A *EN* é simultaneamente sinodal e papal e, portanto, profundamente colegial. A *EN* está estruturada em sete capítulos temáticos e é enquadrada por uma introdução e uma conclusão. Os títulos dos capítulos indicam claramente o conteúdo específico (por exemplo, «O que é evangelizar?», «O conteúdo da evangelização», «As vias de evangelização»).

Podem ser mencionados vários *leitmotifs* da *EN*: o compromisso papal com a evangelização, o papel da meditação e a centralidade da evangelização na vida da Igreja. Um tema central centra-se na fidelidade, uma dupla fidelidade – à mensagem de Deus e às pessoas (cf. 4, 39, 63). Esta fidelidade é «o eixo central da evangelização» (4).

Em vários pontos da *EN*, Paulo VI define cuidadosamente, matiza e equilibra diversos elementos do processo de evangelização (por exemplo, Igreja local e universal, cultura e fé, libertação e evangelização). Paulo VI dotou a Igreja de um manual inspirador e pastoral para a actividade missionária moderna.

Visão da Evangelização

A compreensão do termo «evangelização» encontrada na *EN* reflecte uma visão abrangente e inclusiva; o seu uso pode ser descrito como um «conceito abrangente». Esta visão ampla e holística respeita a plenitude e a complexidade do processo evangelizador, com o objectivo de alcançar uma evangelização eficaz.

As secções 17 e 24 da *EN* enumeram os vários elementos que compõem a acção evangelizadora da Igreja (por exemplo, testemunho de vida, envolvimento social, oração, diálogo, pregação). A *EN* insiste firmemente na integração e no equilíbrio de todas as facetas da evangelização. «Nenhuma definição parcial e fragmentária, porém, chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar» (17). «A evangeliza-

“
Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar.
”

ção, por tudo o que dissemos, é uma diligência complexa, em que há variados elementos; [...] eles são complementares e reciprocamente enriquecedores uns dos outros» (24).

A *EN* contém várias belas descrições da Igreja como comunidade evangelizadora. «Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar.» «A tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja» (14). «Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma» (15).

Este breve artigo tenta apresentar uma visão panorâmica da evangelização missionária emergente do Concílio Vaticano II e, especialmente, da *EN*. Depois de muitas palavras ditas, os cristãos católicos devem recuar e afirmar radicalmente que: toda missão e evangelização são o projecto de Deus. O Espírito Santo é sempre o principal agente da evangelização.

Para evangelizadores, missionários, catequistas, religiosos e leigos, missão significa necessariamente tentar descobrir o que Deus deseja e o que Ele está a fazer. Então, o autêntico evangelizador submete a sua vontade à vontade de Deus, entrega-se alegremente ao plano amoroso de Deus e despende todos os esforços e energia para se tornar um instrumento digno que permite que o desígnio de Deus se realize. A evangelização, no seu âmago e no seu centro, é uma questão de fé. Para todos os «cristãos do Vaticano II», viver é evangelizar, tornar-se verdadeiramente «uma comunidade de discípulos missionários» (EG, 24)! ✝

P. James H. Kroeger MM

O P. James H. Kroeger é um missionário Maryknoll Americano, que serviu como na Ásia por mais de cinco décadas. Recentemente, escreveu *Walking with Pope Francis; The Official Documents in Everyday Language* (Paulines, Manila) e *A Joyful Journey with Pope Francis* (Claretians, Manila).



O Papa Paulo VI realizou uma visita Apostólica histórica ao Uganda, em 1969, sendo a primeira visita de um Pontífice a África.



Testemunha da força transformadora do perdão de Cristo

Santa Josefina Bakhita apesar do que sofreu como escrava, foi sempre capaz de perdoar. Por isso, o Papa Francisco disse que ela se tornou «uma parábola existencial do perdão. (...) O perdão libertou-a. O perdão recebido, primeiro através do amor misericordioso de Deus, e depois o perdão oferecido, fizeram dela uma mulher livre, alegre, capaz de amar.»

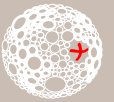
No caminho de catequeses sobre o zelo apostólico – reflectimos sobre o zelo apostólico – hoje deixemo-nos inspirar pelo testemunho de Santa Josefina Bakhita, uma santa sudanesa. Infelizmente, há meses que o Sudão é dilacerado por um terrível conflito armado, do qual pouco se fala hoje; oremos pelo povo sudanês, para que possa viver em paz! Mas a fama de Santa Bakhita ultrapassou todas as fronteiras e chegou a todos aqueles a quem é negada a identidade e a dignidade.

Nascida no Darfur – o martirizado Darfur! – em 1869, foi raptada da sua família quando tinha apenas sete anos e feita escrava. Os seus raptadores chamavam-lhe “Bakhita”, que significa “felizarda”. Teve oito donos, um vendia-a a outro. Os sofrimentos físicos e morais que sofreu na infância deixaram-na sem identidade. Sofreu maldades e violências: no seu corpo

trazia mais de cem cicatrizes. Mas ela própria testemunhou: «Como escrava, nunca desesperei, porque sentia uma força misteriosa que me sustentava.»

Diante disto, pergunto-me: qual é o segredo de Santa Bakhita? Sabemos que muitas vezes a pessoa ferida, por sua vez, fere; o oprimido torna-se facilmente opressor. No entanto, **a vocação dos oprimidos é libertar-se a si próprios e aos seus opressores, tornando-se restauradores de humanidade.** Só na debilidade dos oprimidos se pode revelar a força do amor de Deus, que liberta ambos. Santa Bakhita exprime muito bem esta verdade. Um dia, o seu tutor dá-lhe um pequeno crucifixo, e ela, que nunca tinha possuído nada, conserva-o ciosamente como um tesouro. Fitando-o, experimenta uma libertação interior, porque se sente compreendida e amada e, portanto, capaz de compreender e amar:

este é o início. Sente-se compreendida, sente-se amada e, por conseguinte, capaz de compreender e amar os outros. Com efeito, dirá: «O amor de Deus sempre me acompanhou de modo misterioso... O Senhor amou-me tanto: é preciso amar a todos... É preciso compadecer-se!» Esta é a alma de Bakhita! **Na verdade, com-padecer significa tanto padecer com as vítimas de tanta desumanidade presente no mundo, como também compadecer-se de quem comete erros e injustiças, não justificando, mas humanizando.** Esta é a carícia que ela nos ensina: humanizar! Quando entramos na lógica da luta, da divisão entre nós, dos maus sentimentos, uns contra os outros, perdemos a humanidade. E muitas vezes pensamos que precisamos de humanidade, que devemos ser mais humanos. **E esta é a tarefa que Santa Bakhita nos ensina: humanizar, humanizar-nos a nós**



mesmos e humanizar os outros.

Santa Bakhita, que se tornou cristã, é transformada pelas palavras de Cristo, que meditava diariamente: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!» (Lc 23, 34). Por isso, dizia: «Se Judas tivesse pedido perdão a Jesus, também ele teria encontrado misericórdia.» Podemos dizer que a vida de Santa Bakhita se tornou uma parábola existencial do perdão. Como é bom dizer de uma pessoa: «Foi capaz, foi sempre capaz de perdoar.» E ela foi sempre capaz de o fazer, aliás: a sua vida é uma parábola existencial do perdão. Perdoar, porque assim seremos perdoados. Não vos esqueçais disto: **o perdão é a carícia de Deus para todos nós!**

O perdão libertou-a. O perdão recebido, primeiro através do amor misericordioso de Deus, e depois o perdão oferecido, fizeram dela uma mulher livre, alegre, capaz de amar.

Bakhita pôde viver o serviço não como escravatura, mas como expressão do dom livre de si. E isto é muito importante: fez-se voluntariamente serva – foi vendida como escrava – e em seguida escolheu livremente fazer-se serva, carregar sobre os seus ombros os fardos dos outros!

Com o seu exemplo, Santa Josefina Bakhita indica-nos o caminho para nos libertarmos finalmente das nossas escravidões e medos. Ajuda-nos a desmascarar as nossas hipocrisias e egoísmos, a superar ressentimentos e conflitos. E encoraja-nos sempre.

Caros irmãos e irmãs, o perdão não tira nada, mas acrescenta. O que acrescenta o perdão? Dignidade: o perdão não nos tira nada, mas acrescenta dignidade à pessoa, faz-nos afastar o olhar de nós mesmos e fitá-lo nos outros, para os ver frágeis como nós, mas sempre irmãos e irmãs no Senhor. Irmãos e irmãs, o perdão é a nascente de um zelo que se torna misericórdia e chama a uma santidade humilde e jubilosa, como a de Santa Bakhita.

Papa Francisco
Catequese de 11 de Outubro
de 2023

Perseguidos, mas não desamparados: cristãos na Nigéria

Em tudo somos atribulados, mas não esmagados; confundidos, mas não desesperados; perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não aniquilados. Trazeremos sempre no nosso corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus seja manifestada no nosso corpo (2 Cor 4, 8-10).

Este testemunho de S. Paulo descreve bem a situação dos cristãos do norte da Nigéria, onde a perseguição já atingiu uma dimensão verdadeiramente crítica, de tal modo que a zona é frequentemente descrita como um dos locais mais perigosos do mundo para os seguidores de Cristo. Os cristãos nesta zona vivem em constante medo dos ataques dos inimigos do Evangelho.

Segundos os relatórios de 2024-2025, mais de 7.000 cristãos foram mortos nos primeiros oito meses de 2025. Em 2024, foram mortos cerca de 3.000 cristãos.

Ataques contra a comunidade cristã em Yelwata, Estado de Benue. A noite do dia 13 de Junho de 2025 foi uma noite cruel e inescusável para a comunidade de Yelwata. Mais de 200 pessoas foram exterminadas (a maioria eram pessoas idosas, mulheres e crianças) e muitas outras foram raptadas. Yelwata é uma comunidade relativamente pequena, com uma população de 5.000 habitantes no Estado de Benue; 99,8% são cristãos e mais de 80% são católicos. A situação desta comunidade piorou quando o Bispo da Diocese de Makurdi testemunhou contra as perseguições diante do Congresso dos Estados Unidos da América. Os cristãos da zona estão a viver momentos complicados: há muitas pessoas deslocadas das suas casas, casas queimadas, crianças separadas das famílias, etc. Diante desta realidade, o governo Nigeriano negou a existência desta crueldade contra a humanidade.

Estado de Kaduna: ataque mais recente. Kaduna é um dos Estados na Nigéria, situado no



Visita de missionários espíritanos a Yelwata, após os ataques contra os cristãos.

Norte, que possui uma população cristã significativa e muito vibrante. Os cristãos neste Estado constituem aproximadamente 50% da população, sobretudo no sul de Kaduna. Os cristãos nesta localidade enfrentam uma perseguição sistemática: ataques aos lugares de culto, raptos e muitas igrejas queimadas. Em Janeiro deste ano, mais de 160 cristãos foram raptados na igreja, no Sul de Kaduna, pelos extremistas.

Outra noite horrível ocorreu na igreja de Christ Apostolic Church, Illorin, Estado de Kwara, durante o culto. Homens armados entraram na igreja e abriram fogo contra os fiéis. Neste ataque, morreram três pessoas e algumas foram feridas. Os extremistas escaparam quando chegaram agentes e vigilantes locais.

Em última análise, ser cristão no Norte da Nigéria é mesmo desafiante. É preciso ser uma pessoa de fé e coragem para viver nesta localidade, onde ser cristão é considerado um crime. Mas confiando nas palavras de São Paulo, na sua Carta aos Romanos, somos fortalecidos: *Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? De acordo com o que está escrito: Por causa de ti, estamos expostos à morte o dia todo, fomos tratados como ovelhas destinadas ao matadouro (Rom 8, 35-36).*

Na verdade, somos perseguidos, mas não desamparados. ✦

P. Bernard Adukwu
Texto Conjunto da Missão Press

O olho observante



Ilustração: Ana Romão

No Sudão do Sul, no início do século passado, o Irmão Heinrich Sendker não era como os outros missionários brancos: ele tinha um olho de vidro, que permanecia imóvel, enquanto o outro olho se movia livremente. As pessoas nunca tinham visto nada parecido e ele era alvo de comentários e perguntas curiosas da parte de todos. Aquele pedaço de cristal redondo dava ao Irmão uma expressão misteriosa e impunha respeito durante as aulas de catecismo.

Um dia, durante uma dessas aulas, o Irmão Heinrich teve de sair urgentemente por alguns minutos: «Voltarei em breve», explicou ele, «comportem-se bem; não estarei aqui, mas o meu olho estará no meu lugar e verá tudo o que fizerdes!» Enquanto falava, removeu o olho de vidro e colocou-o sobre a mesa. A turma foi tomada por uma onda de terror e, ao regressar meia hora depois, o Irmão encontrou os catecúmenos sentados como se estivessem pregados aos troncos de árvores em que estavam senta-

dos, hipnotizados por aquele olho artificial. Ele sentou-se, colocou o olho no lugar e exclamou: «O olho confirma que vos comportastes bem durante a minha ausência. Muito bem!»

Como o truque funcionou perfeitamente, o Irmão passou a usá-lo com mais frequência. Por fim, Pedro, um catecúmeno de 12 anos, ganhou coragem e, enquanto um companheiro observava o lado do pátio de onde o Irmão voltaria, cobriu o olho de cristal com o chapéu. Então, começou a pular, cantar e fazer caretas – tudo o que o terror instilado pelo olho não o deixava fazer durante a ausência do seu dono.

A certa altura, foi dado o sinal de que o Irmão estava a chegar. Peter tirou o chapéu da mesa e a turma ficou tensa. Satisfeito com aquele silêncio, o Irmão Heinrich retomou a aula. Alguns meses depois, no dia do baptismo, certos de que não haveria problemas, os rapazes contaram a história do chapéu e inventaram esta cantiga: «O irmão

é esperto, mas o Peter também é esperto!» ✨

P. Neno Contran
Missionário Comboniano

Comandante com nível!

Um coronel recentemente nomeado para comandante de um quartel, acaba de mudar-se para o seu gabinete, quando um soldado bate à porta e entra com uma caixa de feramentas. Para impressionar o soldado, o coronel disse-lhe: «Espera. Já te atendo. Deixa-me primeiro responder a esta chamada.» Pegando no telefone, o coronel disse: «Meu General, está bom? Em que posso ajudá-lo?» Seguiu-se uma pausa dramática. Depois o coronel disse: «Não há problema. Vou telefonar para Washington e falar com o Presidente sobre o assunto.» Pousando o auscultador, o coronel diz ao soldado: «O que é que queres?» O soldado respondeu com embaraço; «Bem, eu vinha para ligar o seu telefone!» ✨



Centenário do Dia Mundial das Missões

«Para o Dia Mundial das Missões de 2026, que marca o centenário desta celebração, instituída por Pio XI e tão estimada pela Igreja, escolhi o tema «**Um em Cristo, unidos na missão**». Após o Ano Jubilar, desejo exortar toda a Igreja a prosseguir o caminho missionário com alegria e zelo no Espírito Santo, o que requer corações unificados em Cristo, comunidades reconciliadas e, em todos, disponibilidade para colaborar com generosidade e confiança» (Papa Leão XIV, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2026*).

Visita apostólica do Papa Leão XIV a África

Durante o mês de Abril (13 a 23), o Santo Padre irá realizar a sua primeira viagem Apostólica a África, visitando quatro países: Argélia, Camarões, Angola e Guiné Equatorial. Acompanhamo-lo com a nossa oração.

Formação para os Centros Missionários

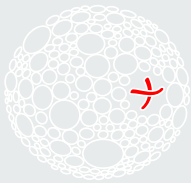
O próximo encontro dos Directores Diocesanos das OMP será no dia 12 de Maio, em Fátima. Nesse mesmo dia, teremos uma formação para todos os membros dos Centros Missionários, orientada pelo P. Luís Rafael, sobre o tema: **Comunicar Jesus no tempo do 5G**.

Escola de Animadores da Infância Missionária (ESAIM)

Espiritualidade Missionária

ESAIM
25 de Abril de 2026
Seminário de Santa Joana Princesa
AVEIRO

INSCRIÇÕES ABERTAS
[HTTPS://FORMS.GLE/14rJPXUvLMYP63LM6](https://forms.gle/14rJPXUvLMYP63LM6)



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR
P. José António Mendes Rebelo

PROPRIEDADE E EDIÇÃO
Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Ilha do Príncipe, 19
1170-182 LISBOA
Tlf: (+351) 21 814 84 28
Email: missao.omp@gmail.com
NIPC: 501132619
Homepage: <https://www.opf.pt/>

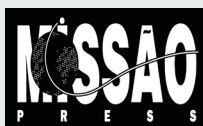
ESTATUTO EDITORIAL
<https://www.opf.pt/missao-omp>

Depósito Legal N° 192499/03
NIPC 501 132 619 • I.S.S.N. – 1647 – 9203
Registo na ERC n° 104247

IMPRESSÃO: Jorge Fernandes
Rua Quinta do Conde de Mascarenhas, 9
2820-652 Charneca da Caparica
<https://www.jorgefernandes.pt/>

TIRAGEM: PDF para web
Preço Capa: 0,01 €

FOTOGRAFIA:
Arquivo OMP; João Fernandes



Quando fizer o seu testamento, pense nas OMP!

Se não tem familiares próximos e tem dúvidas a quem deixar os seus bens, pode contemplar a ideia de doar parte deles às Obras Missionárias Pontifícias (OMP), com a finalidade de ajudar as Igrejas mais jovens e necessitadas noutros continentes. Nesse caso, **pode fazer o seu testamento à Obra da Propagação da Fé** – o nosso nome oficial. A sua ajuda será canalizada para Roma, para o fundo de solidariedade universal com que o Santo Padre ajuda as novas Igrejas. O seu gesto assegura-lhe a gratidão e a oração da Igreja missionária.

AJUDE AS OBRAS DO SANTO PADRE, ATRAVÉS DAS OMP

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé
Banco Millennium-BCP
N° Conta: 23521434
NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05
IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandá-lhes o recibo para efeitos de IRS.

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, informação e solidariedade com a Igreja Missionária.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para as Obras do Santo Padre. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.



Caríssimos, peçamos a graça de uma Quaresma que torne os nossos ouvidos mais atentos a Deus e aos últimos. Peçamos a força dum jejum que também passe pela língua, para que diminuam as palavras ofensivas e aumente o espaço dado à voz do outro.

E comprometamo-nos a fazer das nossas comunidades lugares onde o clamor de quem sofre seja acolhido e a escuta abra caminhos de libertação, tornando-nos mais disponíveis e diligentes no contributo para construir a civilização do amor.

(Leão XIV, Mensagem para a Quaresma 2026)